



O gênero Conto de Terror e suas implicações em uma turma de 6º ano

The Horror Story genre and its implications in a 6th grade class

El género Horror Story y sus implicaciones en una clase de 6to grado.

Joaquim Junior da Silva Castro¹

Doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil

Recebido em: 15/10/2024

Aceito em: 14/12/2024

Resumo

O presente relato objetiva apresentar uma experiência com o gênero conto de terror, em uma turma de 6º ano, de uma escola da rede privada de ensino, no estado de Minas Gerais, no segundo semestre do ano de 2023. Por meio de uma sequência de seis aulas, o gênero foi didatizado junto aos estudantes, a fim de que eles pudessem produzir, ao final das atividades, um conto de terror, em formato de vídeo. Como referencial teórico, baseamos em Cosson (2009), considerando que as aulas em questão foram inspiradas na sequência básica proposta pelo autor. Como resultado, os discentes puderam se apropriar do gênero em questão, desenvolvendo competências linguístico-discursivas de leitura, escrita e oralidade, além de competências próprias para uma produção audiovisual que se alinhasse aos propósitos comunicativos do gênero conto de terror.

Palavras-chave: Literatura. Oralidade. Conto de terror.

Abstract

This report aims to present an experience with the horror story genre in a 6th grade class at a private school in the state of Minas Gerais in the second half of 2023. Through a sequence of six classes, the genre was taught to students so that they could produce a horror story in video format at the end of the activities. As a theoretical framework, we based ourselves on Cosson (2009), considering that the classes in question were inspired by the basic sequence proposed by the author. As a result, the students were able to appropriate the genre in question, developing linguistic-discursive reading, writing, and speaking skills, as well as skills specific to an audiovisual production that aligned with the communicative purposes of the horror story genre.

Keywords: Literature. Orality. Horror story.

Resumen

Este reportaje tiene como objetivo presentar una experiencia con el género narrativo de terror, en una clase de 6º año, en una escuela privada, en el estado de Minas Gerais, en el segundo semestre de 2023. A través de una secuencia de Después de seis clases, se enseñó el género. a los estudiantes, para que pudieran producir, al final de las actividades, una historia de terror, en formato vídeo. Como referente teórico nos basamos en Cosson (2009), considerando que las clases en cuestión se inspiraron en la secuencia básica propuesta por el autor. Como resultado, los estudiantes lograron apropiarse del género en cuestión, desarrollando habilidades lingüístico-discursivas de lectura, escritura y expresión oral, además de habilidades propias de la producción

¹joaquimjrcaastro17@gmail.com ,

audiovisual que se alinearão com los propósitos comunicativos del género narrativo de terror.

Palabras clave: Literatura. Oralidad. Cuento de terror.

Introdução

O presente relato de experiência é fruto de um trabalho realizado em uma turma de 6º ano, de uma escola da rede privada, do estado de Minas Gerais, no segundo semestre do ano de 2023. O trabalho teve como enfoque o conto de terror, considerando se tratar de um gênero de que os alunos gostavam e demonstravam interesse em aprendê-lo didaticamente, pois ele já fazia parte do repertório sociocultural deles. Por isso, a proposta de sistematização do gênero, a fim de que os discentes pudessem aprendê-lo, não apenas para uma produção final, mas para, principalmente, uma apropriação linguístico-discursiva do gênero conto de terror.

Nesse sentido, a proposta visou proporcionar aos estudantes uma experiência imersiva no estudo do conto de terror, explorando suas características, linguagem, estrutura e efeitos de sentido. Para isso, foram organizadas seis aulas com propostas de atividades, como leitura e análise de contos clássicos do gênero.

Ao longo das atividades, buscamos desenvolver não apenas a importância da escrita criativa do conto, seguindo a estrutura de um texto narrativo, mas, sobretudo, as competências orais que ele requer, como entoação, dicção, qualidade vocal, gestos e expressão facial que, para o contexto do gênero, causem medo. Com isso, pensando em uma atividade de retextualização (Marcuschi, 2001), a produção foi, em um primeiro momento, escrita, para que, posteriormente, pudesse ser dramatizada, oralmente, em vídeo.

A avaliação da aprendizagem do gênero se deu de forma contínua e com retornos avaliativos frequentes aos estudantes durante as etapas de planejamento, escrita e reescrita dos contos, de forma que eles pudessem aprimorar suas produções ao longo do tempo. Ao final, os contos foram compartilhados na Semana da Feira Cultural do colégio, na qual os alunos apresentaram suas histórias para toda a turma e convidados, promovendo um ambiente social de circulação do gênero produzido.

Caracterização da turma

Percebemos que os estudantes gostavam do gênero conto de terror, de modo que compartilhavam contos lidos e assistidos em conversas paralelas. Os alunos dessa turma eram

majoritariamente pertencentes às classes média e média alta, e, por isso, detinham um repertório sociocultural de expressivo incentivo à leitura e à compra de livros, além da possibilidade de acessos a diversos *streamings* pagos. Dessa forma, no geral, os discentes aparentavam ter adequada estrutura familiar, com responsáveis presentes e preocupados com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos. Por se tratar de crianças na faixa dos onze anos, eram agitados e, por vezes, muito falantes. Havia, na sala, 25 alunos.

Fundamentação teórica

A sequência de aulas baseou-se nas orientações da Base Nacional Comum Curricular (2018) que, em uma de suas competências de língua portuguesa para o ensino fundamental, defende “práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais” (Brasil, 2018, p. 87). Além disso, defendemos a dinâmica - ensino de língua/ensino de literatura ao considerar que “[...] um texto não se esclarece em seu pleno funcionamento apenas no âmbito da língua, mas exige aspectos sociais e cognitivos” (Marcuschi, 2008, p.65). Por isso, língua e literatura são concomitantes no ensino de Língua Portuguesa, em que gêneros textuais orais e escritos, literários e não literários, têm como objetivos didáticos a proficiência dos estudantes em leitura, leitura literária, análise linguística, escrita e oralidade.

Nesse sentido, é interessante que o ensino de literatura seja realizado de maneira que haja um letramento literário, justamente por entendê-lo como um “[...] processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67). Com isso, torna-se pouco louvável exigir que o estudante, simplesmente, leia uma obra e faça uma prova ou ficha; pelo contrário: torna-se imprescindível oferecer instrumentos para que ele possa construir sentido nessa aprendizagem (Cosson, 2009). Por isso, nos baseamos na “sequência básica” proposta por Cosson (2009), de modo que pudéssemos imergir os estudantes em um processo de letramento literário, entendendo que “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (Candido, 2011).

Os contos de terror são narrativas que “provocam a sensação do medo e estranhamento diante de experiências vividas por um personagem ou grupo de pessoas” (Carvalho, 2021, p. 214). Ao, então, trabalharmos esse gênero, mobilizamos tanto conhecimentos de leitura e escrita quanto de oralidade. Por isso, é importante que a oralidade seja sistematizada, por meio de gêneros orais, para que não haja, unicamente, uma oralização simplista de textos escritos, inclusive quando estamos tratando da

oralização de textos literários. Nesse sentido, pensamos em uma perspectiva de *continuum* entre fala e escrita (Marcuschi, 2001), ao trabalhar o conto de terror nas modalidades escrita e oral da língua, visto que se torna relevante “conhecer diversas práticas orais de linguagem e as relações muito variáveis que estas mantêm com a escrita” (Schneuwly; Dolz, 2004). Ou seja, não seria pertinente conceber a escrita como superior à fala. Elas devem ser trabalhadas conjuntamente e em pé de igualdade, com o fito de propiciar aos discentes uma aprendizagem efetiva, crítica, linguística, literária e, primordialmente, cidadã.

Descrição da experiência

Foram realizadas seis aulas para a didatização do gênero conto de terror com os estudantes. Como já mencionado, as aulas foram baseadas na “sequência básica” de Cosson (2009), que se dá em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Seguem, abaixo, o detalhamento das aulas.

Primeira aula

Começamos a discussão sobre o que seria terror e o que os alunos entendem como conto de terror. Nesse sentido, os conhecimentos prévios deles foram considerados, bem como o gosto deles pelo gênero. Foi interessante perceber como cada um deles possuía uma visão diferente sobre o tema. Alguns associaram o terror a elementos sobrenaturais, como fantasmas e monstruosidades, enquanto outros mencionaram o medo do desconhecido ou de situações mais psicológicas, em que o horror está nas emoções e nas reações humanas. Muitos citaram obras literárias, séries e filmes de terror de que gostam, ou que estavam assistindo e/ou lendo no momento.

A partir dos aspectos trazidos pelos discentes, apresentamos as principais funções sociais do gênero, como a criação de uma atmosfera de suspense, o uso de questões específicas para provocar medo, e a importância do desconhecido ou inexplicável na narrativa. Também falamos sobre a diferença entre terror e horror, em que terror, normalmente, evoca uma sensação de medo antecipado, enquanto o horror é uma ocorrência mais imediata e visceral.

Em seguida, foi pedido aos estudantes que compartilhassem experiências pessoais ou histórias que os deixavam assustados, de forma a explorar como o medo pode surgir de diferentes situações e contextos. Assim, estabelecemos um ponto de partida para a temática e sua relação com o gênero conto de terror, haja vista que existem outros tipos de conto, como contos de fada, contos de humor,

entre outros.

Segunda aula

Com o intuito de dar continuidade aos conhecimentos trazidos pelos estudantes na aula anterior, foram apresentados a eles dois importantes autores de contos de terror: Guy de Maupassant, autor francês, e Edgar Allan Poe, autor norte-americano. Para tanto, conversamos sobre a biografia desses autores e a importância de cada um para a literatura de terror. Também fizemos breves relações com autores brasileiros, que também escreveram contos de terror, como Machado de Assis e Aluísio Azevedo. Entretanto, pela quantidade de aulas, focamos nos autores estrangeiros citados, considerando a especificidade deles em relação ao gênero. Os discentes mostraram-se interessados pelos autores e, alguns, comentaram que já os conheciam.

Terceira aula

Depois de termos explicitado a importância literária, artística e social dos autores supracitados, bem como suas contribuições para o cenário da literatura de terror, nesta aula, lemos e interpretamos, juntos, o conto “A morta”, de Guy de Maupassant. No processo de leitura e interpretação, trabalhamos aspectos como construção da atmosfera sombria, característica marcante do conto, e o uso da tensão psicológica para criar o suspense. Analisamos também o perfil dos personagens, explorando as emoções e os conflitos internos do protagonista, bem como a forma como Maupassant utilizou-se da ambiguidade para intensificar o sentimento de incerteza ao longo da narrativa.

Outro ponto destacado foi a escolha de vocabulário, que contribuiu para a criação de um clima de estranheza e inquietação, características centrais do texto. Além disso, discutimos a maneira como o autor trabalha com os temas da morte, do luto e da loucura, elementos recorrentes na literatura de terror.

Quarta aula

Nesta aula, lemos e interpretamos outro conto: “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe. Pudemos, então, fazer outra análise crítico-interpretativa, a fim de estabelecer possíveis relações com o conto anterior, “A morta”, de Guy de Maupassant, observando as características e os propósitos comunicativos de ambos. Com o conto “O retrato oval”, no momento da leitura, trabalhamos aspectos como a construção da atmosfera gótica, presente em ambos os contos, mas com nuances distintas. Em “O retrato oval”, destacamos o uso da descrição detalhada dos cenários para intensificar o mistério e a sensação de claustrofobia. Também analisamos o jogo de luz e sombra, simbolizando a linha tênue entre o real e o imaginário, o rico vocabulário, com muitas palavras desconhecidas aos estudantes e o

uso da moldura narrativa, em que a história dentro da história contribui para aumentar o suspense.

Quinta aula

Nesta aula, colocamos um vídeo de um conto de terror, a fim de que os alunos pudessem analisar os aspectos acústicos da voz, que deveria trazer suspense, medo, e tensão ao enredo. O conto foi “Não olhe para trás”, do canal “Assustado”, disponível no *Youtube*².

O objetivo era que os estudantes identificassem como a entonação, o ritmo, as pausas e a modulação da voz contribuem para a criação de uma atmosfera adequada ao gênero de terror. Ao longo do vídeo, eles puderam perceber como esses elementos intensificam o clima de mistério e compreensão. Após a exibição, discutimos como esses recursos vocais se relacionam com os sentimentos despertados no público, fazendo uma relação com o desenvolvimento das narrativas de Edgar Allan Poe e Guy de Maupassant, trabalhadas anteriormente. Através da análise auditiva, os estudantes foram incentivados a refletir sobre a importância da oralidade na construção de contos de terror, observando como a performance vocal pode amplificar o impacto emocional da história. Embora, no vídeo, os elementos auditivos tivessem um maior destaque, foi explicitado aos alunos que poderiam fazer performances e dramatizações no vídeo que eles, posteriormente, deveriam produzir. Com esses elementos ensináveis da oralidade, foi possível tomar o gênero conto de terror como um “objeto e instrumento de trabalho para o desenvolvimento da linguagem” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 68- 69).

Sexta aula

Nesta aula, foram dadas orientações para a produção dos contos. Primeiro, os estudantes deveriam produzir um conto curto escrito, para, em seguida, fazer a sua dramatização oral, em vídeo, ambos em duplas. Dessa forma, entendemos que, neste caso, houve uma mudança de um texto escrito para um texto oral, em que “essa passagem ou transformação é uma das formas de realizar o que denomino retextualização” (Marcuschi, 2001, p. 46). A retextualização nesse processo foi importante, pois os discentes puderam refletir sobre as diferenças e semelhanças entre a versão escrita e oral, de um mesmo gênero, e como essas mudanças impactaram a maneira como a mensagem é compartilhada, além de terem mobilizado cognitivamente uma compreensão de cada uma dessas modalidades de uso da língua. Para tanto, foram retomados e memorados os elementos centrais da narrativa, como situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax e desfecho, além do papel do narrador para a construção do desenrolar da história. Os alunos, então, escreveram, em casa, os contos, para que eles

² O conto “Não olhe para trás”, do canal “Assustado”, encontra-se disponível no seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=jLsvVazRvCk>. Acesso em: 03/08/2023.

fossem entregues no dia posterior. Os contos foram corrigidos e devolvidos com sugestões para a reescrita e a preparação das produções em vídeo, que deveriam ser curtas – no máximo 3 minutos.

Sobre a circulação do gênero

As apresentações dos vídeos foram realizadas na Semana da Feira Cultural do colégio. Foi um momento muito interessante de troca de experiências e aprendizado, em que os discentes puderam mostrar e comentar sobre as suas experiências com a produção audiovisual. Cada aluno apresentou sua interpretação do conto que produziu, destacando os aspectos visuais nos vídeos, além de mostrar as escolhas vocais e estilísticas que fizeram para transmitir suspense e medo. Outrossim, a interação com o público foi enriquecedora, pois houve um debate sobre as diferentes formas de interpretar uma narrativa de terror. Ademais, alguns estudantes trouxeram referências a filmes e a séries de terror, enquanto outros focaram na comparação com as leituras realizadas em sala.

Abaixo, estão alguns registros dos vídeos.

Figura 1
Vela acesa



Fonte: *print* de vídeo elaborado pelos estudantes.

Percebemos que os alunos puderam se apropriar da proposta de forma criativa, utilizando o cenário da casa com fundo escuro e a vela acesa para intensificar o clima de suspense e mistério. A escolha da iluminação, com a vela como única fonte de mistério de luz, criou sombras e realçou o ambiente sombrio, reforçando os elementos típicos do gênero de terror.

Os estudantes tiveram atenção ao trabalho com os detalhes visuais, como o contraste entre luz e escuridão, e a simbologia da vela vermelha, que pode ser associada ao perigo, à morte ou ao desconhecido. Esses elementos visuais ajudaram a construir a tensão no vídeo, complementando o trabalho com a voz e os efeitos sonoros para provocar medo e inquietação no público. Essa apropriação estética mostrou que eles foram além de uma simples análise textual, explorando diferentes linguagens e recursos para potencializar uma narrativa de terror. O cenário criado não apenas dialogou com os contos trabalhados em aula, como também mostrou o entendimento deles sobre como os elementos visuais podem transformar uma história, ampliando sua capacidade de causar impacto.

Vejamos outro exemplo.

Figura 2
Referência ao *streaming Netflix*



Fonte: *print* de vídeo elaborado pelos estudantes.

No *print* acima, vemos uma referência a uma produção da Netflix, o que evidenciou a capacidade dos estudantes de conectar o conteúdo literário trabalhado em sala com obras contemporâneas de mídia audiovisual. Essa escolha de integrar uma produção moderna ao projeto demonstra como eles foram capazes de identificar temas e recursos narrativos, desenvolvendo-os em contextos atuais.

Vejamos um último exemplo.

Figura 3
Caracterização de personagem de terror



Fonte: *print* de vídeo elaborado pelos estudantes.

A imagem acima retrata uma caracterização, com roupa preta, uma máscara que denota terror e uma faca na mão: elementos que reforçam o simbolismo clássico do vilão ou figura ameaçadora no gênero de terror. Essa escolha visual destacou o entendimento dos discentes sobre a importância de elementos icônicos para a criação de uma atmosfera de medo e suspense.

A roupa preta, por exemplo, simboliza o mistério, a escuridão e o desconhecido, enquanto a máscara esconde o personagem, reforçando a ideia de ameaça invisível e impessoal, algo frequentemente visto em produções de terror. A faca na mão sugere violência iminente, elevando a tensão e o desconforto visual, conectando-se com os temas de perigo e perseguição comuns no gênero.

Essa caracterização permitiu que os discentes demonstrassem sua habilidade de incorporar simbolismos e referências a figuras conhecidas no imaginário do terror, como personagens de filmes e contos. O uso desses elementos não apenas contribuiu para o aspecto visual da performance, como também acrescentou camadas ao entendimento do gênero, mostrando como detalhes visuais e escolhas estéticas podem intensificar a experiência narrativa.

Avaliação dos resultados

Pudemos perceber que ao longo de nossas atividades, os discentes se mantiveram interessados, além de participarem de forma significativa das aulas dadas. Eles aprenderam a ter, de uma forma mais abrangente, uma visão acurada a respeito dos contos de terror e como eles podem determinar

sentimentos nas pessoas, como medo, tensão, alegria, adrenalina. Foi dado a eles, também, autonomia para suas produções, de acordo com suas preferências, estilos, mas que respeitassem minimamente os propósitos comunicativos do gênero.

A oralidade, da mesma forma, foi bem desenvolvida com os alunos. Pela produção final ter sido oral, eles puderam aprender aspectos linguístico-discursivos da oralidade, próprios do gênero conto de terror.

Considerações finais

Ao longo desta sequência de aulas, ficou evidente que o trabalho com contos de terror, nas análises interpretativas, nas produções textuais escritas e nas produções orais trouxe resultados significativos para o desenvolvimento dos estudantes, no que tange à apropriação do gênero. Eles apresentaram conhecimentos na capacidade de interpretação e criação do gênero, não apenas apoiando seus elementos estruturais e temáticos, mas também explorando novas maneiras de compartilhá-los através da voz, do cenário e da caracterização.

Com isso, o trabalho com o gênero conto de terror cumpriu com os objetivos de trabalhar com a sequência básica, na medida em que, de maneira sistematizada, pudemos promover aos estudantes uma apropriação do gênero, por meio das etapas da motivação, da introdução, da leitura e da interpretação (Cosson, 2009). Além disso, pensamos que, do mesmo modo, o trabalho se inscreveu na perspectiva do letramento literário, uma vez que foi possível estabelecer uma aprendizagem prazerosa, a partir de um gênero que já era comentado entre os alunos. Ou seja, eles obtiveram um olhar crítico, sem perder de vista o deleite em produzir os textos.

A autonomia dada aos estudantes também foi um ponto crucial para o desenvolvimento das atividades. A liberdade para escolher suas abordagens temáticas foi essencial para que cada um se expressasse de maneira única, respeitando suas individualidades e preferências, sem perder de vista o foco nas características e nos propósitos comunicativos do gênero.

Além disso, o desenvolvimento da oralidade foi um dos aspectos mais enriquecedores. Os estudantes puderam experimentar diferentes formas de uso da voz para criar suspense e tensão, elementos essenciais do terror, ao mesmo tempo em que aprimoraram ritmo, entonação e pausas. Ou seja, a fala se materializou em uma situação comunicativa, em uma prática social, haja vista que a oralidade é a “prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou

gêneros textuais fundados na realidade sonora” (Marcuschi, 2001, p. 25). Houve, com isso, um alcance das propostas de aprendizagem ao integrar leitura, análise crítica, produção escrita criativa e o desenvolvimento da oralidade, por exemplo, com a prática da retextualização e como orienta a BNCC. Dessa forma, alunos puderam, com essas atividades, conceber uma visão mais refinada sobre a literatura de terror, além de dispor de uma maior capacidade de interpretar, criar e se expressar de forma autônoma e lúdica dentro desse gênero.

Por fim, esperamos que esta proposta de atividades inspire outros professores a trabalharem o gênero conto de terror em suas aulas, considerando as nuances didáticas que o gênero oferece para uma aprendizagem interativa, dialógica e que evoca nos estudantes interesses múltiplos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CARVALHO, José Ricardo. O fantástico no gênero conto de terror. - **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 35, jan-jun, p. 213-229, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 133p, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAUPASSANT, Guy de. **Contos Fantásticos – O Horla & outras histórias / tradução José Brum – Porto Alegre**. Editora L&PM, 1997.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

POE, Edgar Allan. **O retrato oval**. Trad. Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Melhoramentos, 2006

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

Joaquim Junior da Silva Castro

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Joaquim Junior da Silva Castro.